



SORRISO

L I B E R T A D O

Sinopse

Após permanecer anos como vítima de violência doméstica, Tarsila sentiu o sopro de esperança bater em sua porta. Com muita força e coragem, correu em busca da liberdade e encontrou apoio em três fortes pilares em sua vida: Ana de Paula, Fátima e Cláudia.

Uma história de libertação que se fez de porta de entrada para o início do Coletivo Mariellas, no qual um grupo de mulheres se transforma em uma rede de apoio a outras mulheres, vítimas de qualquer que seja o tipo de violência.

Depois de muito sofrimento, angústias, medo e apoio, deu-se lugar ao sorriso libertado.

SORRISO LIBERTADO



**Daniela Pavan, Ellen Picussa, Julia Cappeletto,
Maria Luiza De Marco e Milena Rolim (Organizadoras)**

Capa: Matheus Gonçalves
Revisão e orientação: Tatiana Bilhar

FICHA CATALOGRÁFICA

070.4 S714 Sorriso libertado [recurso eletrônico] –/ Orgs: Daniela Pavan, Ellen Picussa, Julia Cappeletto, Maria Luiza de Marco e Milena Rolim. - Cascavel PR: FAG, 2022.

96p.
ISBN 978-65-89062-25-7

1.História – relatos de mulheres. 2. Entrevistas - jornalismo. 3. Casos reais – mulheres .4. Violência doméstica. Livro-reportagem I. Pavan, Daniela. II. Picussa, Ellen. III. Cappeletto, Julia. IV. Marco, Maria Luiza de .V. Rolim, Milena. I. Título.

CDD 070.4

SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	6
<i>Nota das Autoras</i>	9
PARTE I - SPES	10
Capítulo I	11
Capítulo II	15
Capítulo III	21
PARTE II - LUCTA	23
Capítulo IV	24
Capítulo V	30
Capítulo VI	35
Capítulo VII	39
Capítulo VIII	45
PARTE III - SOROR	57
Capítulo XI	58
Capítulo X	65
Capítulo XI	74
Capítulo XII	79
Capítulo XIII	86
Capítulo XIV.....	90

Prefácio

Museu de realidades possíveis

Julliane Brita

Muitos são os símbolos do Brasil. Para além dos estereótipos que nos fazem sambar e jogar bola em mentes estrangeiras, há outros menos festivos e muito mais marcantes estatisticamente. E esses são os que menos gostaríamos de relatar.

Matamos indígenas. Matamos negros, especialmente jovens negros. Matamos pessoas trans. Matamos mulheres. Segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ACNUDH), o Brasil ocupou, em 2021, a 5ª colocação no *ranking* mundial de feminicídio. No mundo, há 195 países segundo a Organização das Nações Unidas (ONU). Para um povo considerado pacífico, acolhedor e festivo, há pouca paz em nossos números.

E há os que não morrem. Há Tarsila. Tarsila é símbolo de Brasil. Refiro-me à artista, que dá cara ao modernismo brasileiro, mas também me refiro à Tarsila torturada e encarcerada no interior do Brasil. Única e simplesmente por ser mulher. Ela é protagonista do relato que você está prestes a ler, é símbolo de um país em que o machismo faz vítimas por minuto, tanto as que morrem quanto as que sofrem

cicatrizes aparentes ou invisíveis.

Tarsila não é seu verdadeiro nome, e nem precisaria ser. Na história com a qual você vai se escandalizar, e adianto os gatilhos previsíveis deste relato, não precisaria haver um nome para que nos conectássemos à realidade narrada. Um livro-reportagem presume realidade, mas o jornalismo tem no cerne a capacidade de trazer à tona personagens que são totens, símbolos, e, por isso mesmo, trazem consigo inúmeras histórias cujos detalhes podem ser diferentes, mas se assemelham em essência. Mulheres sofremos violências diárias que, quando extremas, tornam-nos Tarsilas.

Este quadro brasileiro não gostaríamos de expor, mas nem arte ou realidade são peças de beleza sublime que necessariamente nos orgulhamos de tornar expostas. É essa também a força do jornalismo, tão achincalhado no momento em que vivemos e nunca tão urgente em sua potência ética e estética. Ao expor a violência angustiante vivida na casa insuspeita da cidade interiorana, o jornalismo ajuda a diagnosticar a doença que precisamos tratar. Emoldura aquilo para que precisamos voltar o olhar. Você não pode desver a violência exposta. Você não pode ignorar nossos símbolos. O que vai fazer com o quadro sanguíneo pendurado na sala de estar?

Por haver muitas formas de pintar os retratos da realidade, por vezes confundimos exposição necessária com espetacularização vazia. O que você verá nas próximas páginas é um exercício de sensibilidade diante de um quadro tão atroz. Difícil, mas necessário retrato de um símbolo que preferiríamos ignorar.

É por meio da força de mulheres que enfrentaram as violências sofridas que o retrato das próximas páginas foi feito. As palavras-símbolo aqui usadas mostram que, ao relatar a realidade, o jornalismo também tece novas realidades possíveis. O feminicídio, símbolo de como somos também uma sociedade que mata, é reescrito pela possibilidade da fuga e do reavivamento. Tarsila, quadro tão brasileiro, expõe nossa ferida, mas também evidencia alguma possibilidade de cicatrização de nossa realidade e, por fim, de nosso contar.

Nota das Autoras

A história contada a seguir é de um caso real descoberto em 2021. Utilizamos, contudo, nomes fictícios para proteger a identidade dos personagens. As únicas entrevistadas pelo projeto foram Ana de Paula, Fátima, Tarsila e Cláudia. Não tivemos contato com as outras pessoas citadas no livro, incluindo o ex-companheiro de Tarsila. Toda a história foi escrita seguindo os relatos fornecidos pelas quatro mulheres nas entrevistas concedidas.

PARTE I

SPEs

Escrita pela jornalista Milena Rolim

CAPÍTULO I

*“Das tocas da vergonha da história
Eu me reergo
Saindo de um passado enraizado na dor
Eu me reergo
Eu sou um oceano negro, borbulhante e vasto,
vertendo e me expandindo eu aguento a maré.
Deixando para trás noites de terror e medo
Eu me reergo.”
- Maya Angelou*

O relógio da cozinha marcava quatro horas. O frio era um personagem solitário na madrugada e se preparava para receber mais um dia do recente inverno que prometia chuvas, geadas e uma sequência generosa de dias nublados em todo o estado paranaense. Na casa simples, mas aconchegante, localizada em um bairro de classe média baixa de Toledo, Ana de Paula, o marido e a filha caçula dormiam. Uma normalidade de quinta-feira prestes a ser rompida pelo toque do celular na mesa da cozinha.

A primeira chamada foi perdida, mas despertou Ana de Paula e o marido. No minuto seguinte, ela já estava no cômodo ao lado, com o aparelho em mãos. Luz e som, num ritmo equilibrado, preencheram o espaço para avisar uma nova ligação. Na tela, um número desconhecido. Sem titubear, mas ainda com resquícios de sono, Ana de Paula atendeu no primeiro toque:

– Alô!

– Alô! Aqui é da delegacia. Falo com a Ana de Paula?

– Sim.

– Você conhece a Tarsila?

– A que trabalhava comigo numa loja de calçados?

– Sim. Você pode buscá-la aqui na delegacia?

– Aconteceu alguma coisa?

– Ela tem problemas mentais? É louca?

– Não! Você pode trazê-la até aqui?

– Não.

– Então irei buscá-la.

Não havia tempo para questionar ou tentar entender a ligação que acabara de reavivar um pedaço de seu passado nem tão distante.

Ainda de pijama, chinelo e um cabelo amassado pelo travesseiro, Ana de Paula e o marido saíram de casa. Alguns minutos e cerca de quatro quadras depois, o casal estacionou em frente à delegacia, no lado oposto da via. A rua estava deserta, a não ser por duas pessoas paradas no portão. Um policial civil estava vigilante atrás das grades de metal que cir-

cundavam o espaço. Do lado de fora, a figura de uma mulher pequena na forma física, mas grande no medo e na dor, correu em direção aos braços de Ana de Paula. A visão do rosto coberto por cortes ainda recentes e do cabelo totalmente raspado acenderam a chama do desespero. Mas não maior que o da própria Tarsila.

A mulher não conseguia falar. Um turbilhão de sentimentos sufocados e dolorosos se manifestaram através de gritos.

Tarsila usava uma calça masculina, ao menos cinco números maiores que seu manequim, tênis e um casaco. Para comportar a peça avantajada em seu corpo frágil e fraco, ela utilizava um cinto rosa, que, aparentemente, representava um dos poucos resquícios de sua feminilidade. Na cabeça, uma blusa de lã – também masculina – tentava esconder a ausência de cabelos.

A dúvida sobre o que teria acontecido com ela tomou forma na mente de Ana de Paula, mas não chegou aos lábios. Ela preferiu acolher a mulher acuada a sua frente. E assim o fez, colocando-a em seu carro.

Na sequência, o policial, que até então sequer havia aberto o portão da delegacia para exercer seu dever e ajudar uma mulher machucada e com medo,

que suplicava, mesmo sem palavras, por ajuda e abrigo, chamou a atenção de Ana de Paula.

– Você tem certeza que ela não tem problemas mentais? Vai ajudar ela? – indagou o policial.

Uma resposta curta e firme encerrou o diálogo que nem sequer contou com as típicas orientações de rotina repassadas por autoridades policiais em situações como essas. O descaso e a negligência foram evidentes, assim como os julgamentos e o preconceito enraizados e reforçados por uma estrutura social machista e opressora.

CAPÍTULO II

*“Um dia eles te seguram
nas palmas das mãos,
gentis, como se você
fosse o último ovo cru
do mundo. Então
te apertam. Só um pou-
co. O primeiro aperto é
bom. Um abraço rápido.
Suave na sua fraqueza.
Um pouco mais. A dor
começa. Arranca um sor-
riso que contorna o medo
Quando o ar desapa-
rece, a mente estoura,
explodindo com violên-
cia, breve,
Como a cabeça de um
fósforo. Estilhaçada.”*
- Maya Angelou

Qual a função de um cartão de visitas? A resposta mais comum e que deve ter vindo à mente ao ler essa pergunta é que se trata de um objeto, normalmente de papel, para informar contatos, nome e localização de empresas, pessoas e negócios. Está correto. Mas nessa história, o significado desse pequeno e frágil item vai muito além. Para Tarsila, um simples cartão rasurado foi símbolo de esperança e liberdade.

Os caminhos dela e Ana de Paula se entrelaçaram no período em que compartilharam o mesmo es-

paço de trabalho. Foram poucos meses, mas suficientes para as colegas perceberem sinais de que a vida de Tarsila poderia estar em perigo. Elas entenderam que a colega precisava de ajuda, apesar de estas palavras nunca terem sido pronunciadas diretamente por ela.

– Ela era triste. Não conversava com muitas pessoas e estava sempre quieta. Não falava que tinha algum impedimento, mas a gente percebia – compartilha Ana de Paula.

Quando de sua entrevista de emprego, seu perfil tímido e retraído chamou atenção de Fátima, proprietária da loja, mas sua inteligência se sobressaiu e colaborou para sua contratação.

– Depois que ela começou a trabalhar, sempre foi muito responsável. Trabalhava bem, porém sempre muito assustada. Percebíamos que tinha algo estranho, mas ela, com muito medo, não contava. Às vezes, ela vinha com manchas no braço e, quando tentávamos conversar, ela sempre justificava com desculpas – relembra.

Mas os sinais no corpo de Tarsila não tiveram origem em uma trilha, queda ou qualquer outra situação duvidosa e clichê utilizada para mascarar agressões. A causa tinha nome, sobrenome e uma

necessidade perversa e cruel de ferir e controlar.
Era seu marido.



Os dias passaram e os comportamentos de Tarsila tornaram-se cada vez mais preocupantes.

– No horário do almoço, ela filmava ou tirava foto da loja para mostrar para ele quando chegasse em casa. Depois de almoçar, sentava, abaixava a cabeça e dormia, já que à noite ele não permitia que ela descansasse. Além disso, ela sempre vinha trabalhar usando roupas de mangas compridas. Na loja, tirava para ficar com o uniforme. Na hora de sair, colocava novamente e ele ficava esperando na porta da loja ou na esquina – conta Fátima, que à época, apesar de desconfiar que algo estava errado, ainda não imaginava que essas atitudes eram, na verdade, algumas das imposições do marido de Tarsila.

Traços de medo e aprisionamento que também se evidenciavam no relacionamento com os clientes.

– É comum recebermos os clientes com abraços, por exemplo. Mas ela nunca fez contato físico,

nem mesmo com nós, mulheres e colegas. Quando era homem, ficava longe – recorda.

Ana de Paula resgata na memória as impressões do homem responsável pelo sofrimento de Tarsila. Assim como acontece na maior parte dos casos de violência doméstica, ele demonstrava ser simpático, educado e amoroso diante de outras pessoas. Aos olhos da sociedade, era um exemplo.

– Às vezes, saíamos da loja, íamos para a feira e ele ia junto. Ela sempre agarrada nele, sem falar nada. A reação de uma pessoa acuada – lembra Ana.

A desconfiança crescia a cada dia.

– Até vimos na internet alguns processos [judiciais] que envolviam ele. Ela era muito querida, mas eu sentia medo dele – pontua Fátima.

Funcionária mais antiga da loja, Ana buscou aproximar-se de Tarsila com a intenção de ajudá-la em qualquer que fosse a situação vivenciada por ela naquele momento.

– Numa primeira conversa, falamos sobre os familiares dela. Ela não deu muitos detalhes, mas pediu segredo sobre o pouco que falou, algo que respeito inclusive neste espaço – reforça.



O tempo passou e o mais próximo de um refúgio que Tarsila poderia ter também ruiu diante das regras, proibições e controle impostos pelo marido. Com a chegada do fim do ano e dos habituais horários especiais de atendimento para o varejo, ela foi demitida por não conseguir cumprir a jornada de trabalho ampliada exigida pela empregadora naquele período.

– Ele pedia para ela falar que ele trabalhava de vigia em Cascavel à noite e que ela precisava ficar em casa. Mas hoje sabemos que era mentira – afirma Fátima.

Sem rede de apoio e visivelmente fragilizada, Tarsila precisava de braços estendidos que cuidassem e não machucassem. Que indicassem, mas não apunhalassem. Ana de Paula estendeu os seus.

Em seu último dia de trabalho, Tarsila recebeu aquilo que, mais tarde, e ainda sem saber, seria sua salvação. Um cartão da própria loja com o contato do celular de Ana de Paula escrito à mão e com um dos números rasurados. Seu dom intrínseco de acolher e servir expresso num gesto simples, mas transformador.

– Foi um impulso que eu tive. Senti que ela ia precisar de mim, por isso disse que ela poderia me ligar em qualquer dia, hora ou situação – recorda, com emoção.

Mas ainda não era uma despedida.

– Depois que Tarsila saiu da loja, pensamos que ela poderia ter ido embora da cidade porque ela nunca ligou. Nunca mais a vimos.

Até agora.

CAPÍTULO III

*“Não te deixes destruir...
Ajuntando novas pedras
e construindo novos poemas.
Recria tua vida, sempre, sempre.
Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça.
Faz de tua vida mesquinha
um poema.”
- Cora Coralina*

O percurso que separou a delegacia da casa de Ana de Paula foi rápido, mas não menos angustiante. Ainda sem palavras, Tarsila apenas chorava.

Mesmo com a vontade de entender ao menos parte dos fatos que aconteceram e oferecer qualquer tipo de apoio que Tarsila precisasse, Ana de Paula preparou um lanche, pão e café, entregou para ela e escolheu ouvir e esperar.

Aos poucos, em meio às lágrimas, surgiram os desabafos. Palavras carregadas de dor, sofrimento e uma crueldade sem precedentes. Relatos que amargaram o sabor do café doce e esfriaram seu calor.

– Ela começou a me contar a história, inclusive sobre as torturas, e disse que se não tivesse fugido naquela noite, iria morrer. Acho que nenhuma mulher teria aguentado o que ela passou – menciona.

Descrições que, incrivelmente, se misturavam às palavras de gratidão. Afinal, Tarsila apostou sua sobrevivência no cartão entregue a ela por Ana de Paula há mais de um ano. Ela tinha esperança, mas para alguém tão violentada – física e psicologicamente – parecia impossível alguém ajudá-la naquele momento. E sabia que sua história teria um desfecho diferente se a sua ligação não tivesse sido atendida.

Felizmente, Tarsila ainda tinha vontade de viver.

– As marcas estavam no corpo para todos verem, mas ao mesmo tempo nascia um sorriso nos lábios dela.

Um sorriso de liberdade.

PARTE II

LUCTA

Escrita pela jornalista Julia Cappeletto

CAPÍTULO IV

*“Você queria me ver quebrada?
Cabeça inclinada e olhos para baixo?
Ombros caindo como lágrimas.
Fraquejando pelos gritos do meu âmagô.”
- Maya Angelou.*

Em março de 2020, a vida de muita gente mudou. Alguns enriqueceram por meio do desespero de famílias inteiras. Outros empobreceram tanto, a ponto de passarem fome. Mas para uma parcela da população a situação financeira não era a principal preocupação. Enquanto para muitos a saúde era o que os afligia, para outras somava-se a essa questão o fato de terem nascido mulheres.

Para Tarsila, o pesadelo não começou em março, mas se transformou em horror com o início da pandemia. Com o isolamento social estabelecido, esposas, noivas, namoradas e filhas foram engolidas por suas realidades: uma pesquisa do Datafolha apontou que no Brasil pelo menos uma em cada quatro mulheres acima dos 16 anos foi vítima de algum tipo de violência nesse período. Mesmo assim, o número de denúncias caiu drasticamente. Presas em casa ao lado de seus agressores, as chances de fugirem das rotinas violentas tornaram-se quase nulas.

E com Tarsila não foi diferente. Fins de semana

e feriados eram sinônimos de desespero e pavor, tempo em família significava tortura e humilhações. O simples ato de viver se tornou um grande sacrifício. Mas, ainda antes de ser trancafiada nesse pesadelo, a mulher já vivia dentro das barreiras de um relacionamento abusivo.

A história desse relacionamento opressivo e violento teve início em 2007. Nos primeiros meses de namoro, lá no fim daquele ano, o comportamento de seu então companheiro já era como descrito no ciclo da violência. De início, os agressores são carinhosos, amorosos, charmosos e muito convincentes dentro de suas mentiras. Ao se abrir para um novo relacionamento, depois de passar por um casamento difícil, Tarsila, que, na época, estava na casa dos 26 anos, não imaginava que se tornaria mais uma dentre tantas outras mulheres que engrossam as estatísticas de violência doméstica.

As primeiras mudanças no temperamento do marido aconteceram em 2008, quando o casal morava junto em Chapecó, no oeste catarinense, onde eles se conheceram. No começo, eram comentários disfarçados de pedidos atenciosos e elogios. Se escolhia passar maquiagem, Tarsila era questionada. Vestir uma roupa sempre tinha mais a ver com os gostos dele que os dela mesma. Esse controle sempre era justificado da mesma forma.

– Gosto de você assim... natural – dizia.

E foi assim que o comportamento de Tarsila foi sendo moldado. Ela compreendia essas atitudes como cuidado e carinho, e cedia às vontades dele para fazê-lo feliz. Mas o que era uma chantagem emocional se transformou em controle psicológico. Ele usou o amor que ela sentia por ele contra ela mesma.

Com o tempo, Tarsila passou a achar que não fazia sentido que apenas uma parte tivesse que abrir mão das próprias vontades dentro do relacionamento. Por isso, às vezes, ela se perguntava sobre os motivos das coisas serem como eram.

– Por que ele pode e eu não? – refletia em silêncio.

Tarsila ainda não sabia, mas já era parte de uma estatística: de 2006 a 2016, foram registrados 153.292 casos de abusos psicológicos contra mulheres somente no Brasil. Com o tempo, ela acabaria se tornando também parte das 313.435 mulheres vítimas de violência física no país.

A mudança de comportamento, novamente, não foi abrupta. Na verdade, tudo aconteceu lentamente. O marido foi entrando pelos poros de Tarsila, até se impregnar nela. E foi só depois disso que resolveu marcá-la, mostrando que ela já era sua, como um animal de pasto marcado com ferro quente.

Distante da família há anos, Tarsila ainda teve suas poucas, e superficiais, amizades interrompidas. O companheiro criava histórias e situações para que ela se sentisse pressionada a cortar essas relações. Em uma das vezes, Tarsila foi obrigada a ir até uma amiga e humilhá-la, proferindo xingamentos e acusações irreais. Outra vez, ele queria que Tarsila fosse até uma ex-vizinha, com quem ela conversava ocasionalmente, para pedir por um financiamento.

Para dar fim às amizades dela, o companheiro insistiu até no próprio fetiche: incluir uma segunda mulher no casamento.

– Esse desejo dele acabou se voltando para uma colega minha. Tive que ir até a casa dela, contra a minha vontade, e implorar para ela se juntar a nós. Foi uma humilhação sem tamanho, senti muita vergonha. E, mesmo quando ela recusou e tentou escapar das minhas conversas, eu ainda assim precisei insistir. Até que ela cortou completamente qualquer chance de contato comigo – a expressão de Tarsila ao relatar o acontecimento era de visível desconforto. Era mais um dos momentos que ela simplesmente gostaria de esquecer.

Quando Tarsila se negava a acatar os pedidos do companheiro, ela era castigada. Os abusos psicológicos se tornaram físicos. Tapas, puxões de cabelo

e socos no rosto foram inseridos na rotina da casa. A lógica empregada no relacionamento era a de que se Tarsila se *comportasse*, ficaria livre das agressões.

Mas fazer as vontades dele nem sempre era o suficiente. Quando o companheiro insistia em algum assunto, Tarsila precisava de muita cautela. Era preciso responder exatamente o que ele queria, como ele imaginava. Caso tudo não acontecesse ao gosto dele, Tarsila passava por mais uma rodada de espancamentos.

– Não me lembro quando e nem como foi o primeiro tapa, o primeiro soco ou o primeiro puxão de cabelo. Tudo que passei depois foi tão mais violento que minha memória não guardou esses detalhes – relata Tarsila.

A agressividade do homem só diminuiu depois que uma de suas filhas - fruto de um relacionamento anterior - passou a morar com o casal. A “Moedinha de Ouro”, como ele a chamava, era a mais velha de três meninas e foi praticamente criada por Tarsila, já que integrou a família dos 9 aos 18 anos.

O novo arranjo doméstico trouxe alívio para Tarsila, que era poupada de novas agressões algumas vezes. Não que os ataques de fúria do companheiro tivessem sumido, mas eram controlados pela

presença da criança. Para Tarsila, isso não significava que ele sentia respeito por ela, mas sim que ele tinha medo de perder a filha para a ex-mulher.

Durante os 10 primeiros anos do relacionamento, Tarsila, além de ter perdido parte da própria vida, ainda sofreu mais uma dolorosa perda: a morte da mãe. Morando na terra natal de Tarsila, no Rio Grande do Sul, a mãe foi diagnosticada com câncer e morreu logo depois. O companheiro nem ao menos permitiu que a mulher a visitasse ou se despedisse dela. Todos os sentimentos desse momento delicado ficaram guardados no coração de Tarsila, que só pôde se contentar com suas lembranças.

–Não consegui ir cuidar da minha mãe quando ela precisou. Não pude me despedir dela quando ela já estava partindo – desabafou com a voz entrecortada, segurando a mão no peito, como se segurasse a saudade e a dor que tentam escapar a todo custo.

CAPÍTULO V

*“Pés cortados. De novo.
A cada passo, a dor, e a sensação de que estou viva.
Ainda.
Uma vida de produção.
Produção de sofrimento, tristeza.
A guerra de uma mulher só.”
- Lana Queiroga.*

Mesmo um mar de calma não era suficiente para derrotar os ataques de fúria do homem. Tarsila, que era carregada de amor e paixão, foi silenciada diante da personalidade sádica e maldosa do companheiro.

Mas essa tendência à agressividade foi um tiro no pé para o homem que tanto gostava de reforçar a própria capacidade. Depois de um episódio de raiva no trabalho, não demorou para que a demissão viesse.

Sem conseguir um novo emprego no interior catarinense, ele decidiu que a família teria que se mudar. O destino sugerido pelo companheiro não agradou Tarsila.

– Vamos para o meu Paraná. Quero voltar à Foz do Iguaçu – afirmou o companheiro.

– Eu não quero ir para Foz. Você sempre conta que lá era muito namorado... – disse Tarsila, fazendo

referência às histórias contadas pelo marido sobre a época em que ele morava na fronteira do Paraná com o Paraguai.

Diante da oposição de Tarsila em relação à cidade escolhida, o companheiro então escolheu um novo destino e, ainda que ela não concordasse, a mudança aconteceu. Com todos os pertences da família dentro de um carro, levando poucas roupas e um prato para cada um, Tarsila, o marido e a enteada dela partiram rumo ao município que viria a ser cenário de um filme de terror: Toledo.

Nos primeiros dias na nova cidade, a família viveu no quarto de um hotel barato próximo à rodoviária. Mas a falta de dinheiro os alcançou mesmo assim. Sem ter outra escolha que não fosse a de encontrar outro lugar para viver, o casal pediu ajuda em uma farmácia.

– Vocês sabem de alguma casa ou apartamento que esteja para alugar por aqui? – perguntou o homem.

– Olha, o nosso gerente regional mexe com essas coisas de aluguel de imóveis... Posso ver se ele tem algo para vocês – a resposta da atendente da farmácia foi um acalento em meio a tantas incertezas do futuro.

Tudo era muito novo para Tarsila. Uma cidade nova. Um apartamento novo. Pessoas novas. Mas a vida não tinha nada de nova. A mudança de ares não mudou o temperamento do companheiro.

No prédio onde ficava o apartamento alugado, Tarsila não era a única a ser intimidada pelo homem. Os vizinhos, completamente desconhecidos, também se tornaram alvos da agressividade dele.

– Eu sou o xerife por aqui! Vocês precisam me obedecer, porque agora sou eu que mando aqui – vociferava para os outros moradores do prédio. Até mesmo o dono do edifício foi vítima do homem: enquanto andava na rua, foi abordado e ameaçado pelo companheiro de Tarsila.

O descontentamento com a nova moradia crescia a cada dia e o homem já procurava por outra casa. Em anúncios, ele pedia ajuda para encontrar um lugar que tivesse boa acústica e muros altos. Tarsila descobriria o objetivo dessas exigências não muito tempo depois.

Mas antes que esse dia chegasse, a falta de dinheiro os alcançou novamente. Desempregado, o companheiro também impedia que Tarsila saísse para trabalhar. Inicialmente, o plano era que ela cuidasse do lar, sem sair de casa. Mesmo assim, a necessidade bateu à porta e Tarsila saiu à procura de oportunidades.

O dono de uma lotérica, muito interessado na experiência profissional da mulher, ligou para fazer uma proposta de trabalho. E a notícia não agradou o marido, que acusou Tarsila de dar atenção ao empregador.

– Agora você vai ter que ir lá e resolver isso. Mulher minha não fica ouvindo outros homens darem satisfações de suas vidas! – diante das ameaças do companheiro, e com medo de retaliação, Tarsila foi até a lotérica e precisou desdenhar da única chance de emprego que teve até ali.

Depois do episódio, Tarsila finalmente foi contratada em um comércio tradicional da cidade - a loja de Fátima onde ela conheceria Ana de Paula. Para o alívio dela, no local só trabalhavam mulheres, o que diminuía as chances de brigas com o companheiro. Mas, ainda assim, o controle de cada passo dado pela mulher era feito pelo marido.

O uniforme do novo emprego era discreto, uma camiseta *babylook* comum, usada por todas as funcionárias. Para o companheiro, era muita exposição. Diariamente, fizesse frio ou calor, Tarsila precisava usar uma blusa de mangas longas e gola alta por baixo da camiseta padrão ou então um casaco para cobrir o corpo. Na cabeça, ela era obrigada a usar uma caixa inteira de grampos para prender os cabelos. Ao todo,

eram 100 grampos para segurar um cabelo que não passava dos ombros da mulher.

– Seus cabelos são tão bonitos, por que você não os solta? – frequentemente as colegas de Tarsila a questionavam sobre o motivo de carregar tantos prendedores na cabeça.

A verdade é que Tarsila tinha medo. Tinha medo da surra que levaria se deixasse de prender os cabelos ou se parasse de usar as blusas de frio. O que para elas era só cabelo e vaidade, para Tarsila era a chance de salvar um pouco da própria vida.

CAPÍTULO VI

*“você tem dores
morando em lugares
em que dores não deveriam morar”
- Rupi Kaur.*

A leveza e simplicidade de Tarsila chamavam a atenção das pessoas que a rodeavam. Com movimentos delicados, conversas inteligentes, muita simpatia no olhar e gentileza em seu tom de voz, ninguém poderia imaginar o quanto ela se sentia presa, ainda que estivesse longe de casa. Ela sabia que cada minuto da sua jornada de trabalho era vigiado, contado e programado pelo companheiro. Sair dessa tortura em forma de cronograma era provocar o que desejava tanto evitar: a violência.

Desde os primeiros dias como funcionária de um comércio, Tarsila tinha seus intervalos de almoço acompanhados pelo marido. Ele fazia questão de atravessar a cidade em uma bicicleta para que ela não tivesse tempo de liberdade.

Nesse período, o cenário dos almoços de Tarsila passaram a ser o banco na calçada de uma avenida movimentada. Para os outros, a impressão que esse comportamento do companheiro deixava era de amor e carinho. Para Tarsila não era o oposto.

– Por que você não traz sua marmita e come aqui comigo? Assim seria mais legal – questionou Tarsila, que sentia um aperto no estômago, uma inquietação pela situação que vivia.

– Eu não. Não vou comer aqui – respondeu sem rodeios, do jeito que sempre fazia, sem dar desculpas ou satisfações.

Só que essa rotina de ir e vir todos os dias só para fiscalizá-la deixou-o cansado. Então vieram novas *ordens*.

– Você vai poder comer lá, mas vai ter que ir com um relógio no pulso todos os dias e vai tirar foto a cada cinco minutos. Tem que aparecer o horário no relógio que vai estar no seu pulso, a sua marmita no microondas e a cozinha – ordenou, dando um celular sem chip, somente com a função de fotografar para Tarsila.

Nenhuma das colegas jamais comentou, mas Tarsila sabia que estavam suspeitando de seu comportamento. Tirar fotos do local de trabalho o tempo todo deixava a sensação de que algo errado estava acontecendo. O desespero da mulher em cumprir com o que era obrigada a fazer, contudo, era mais importante. Falhar um minuto significava ser castigada por horas a fio.

Durante a vigília de Tarsila nos horários de intervalo, o sono era seu grande inimigo. Ela passava noites em claro cumprindo tarefas definidas pelo marido:

– Eu era obrigada a lavar o carro durante a madrugada, ficar em pé ao lado da cama, enquanto ele dormia e, ainda, precisava aparecer em frente às câmeras que ele instalou no quarto e na sala, como se estivesse *batendo o ponto*. Depois, ele assistia toda a gravação das câmeras e via se eu tinha mesmo cumprido o que ele pediu – detalha Tarsila.

E depois de ficar a noite toda sem dormir, Tarsila só torcia pelo descanso do meio-dia. Cochilava por quatro minutos, acordava e tirava a foto. Era um ciclo sem fim de medo e muito pânico.

No trabalho ninguém parecia suspeitar. Com demonstrações de afeto e impressões de carinho ao buscar a mulher todos os dias, o companheiro sabia como conquistar a simpatia das pessoas. A verdade, no entanto, era que, longe das vistas de todos, o caminho para casa transformava-se num verdadeiro pandemônio. Tarsila era alvo de acusações, cobranças e xingamentos.

Ser constantemente vítima de situações como essas fez com que ela pensasse em tirar a própria

vida. Apesar de nunca ter colocado a vontade em prática, em uma ocasião ela chegou a tentar:

– Eu estava cansada de ser tão cobrada, de ser um alvo constante. Então eu decidi ir até o meio da rua e ver se algum carro me atropelava. Mas é claro que ele não deixou eu ficar lá por muito tempo para conseguir o que queria.

Muito além das roupas e da aparência, o companheiro a proibia de conversar com as colegas de trabalho, de atender clientes que fossem homens e até de sorrir. Não podia fazer horas extras e nem participar de reuniões fora do horário comercial.

Todas essas limitações extinguiram as chances de Tarsila prosseguir no emprego. Chegada a época de Natal, em que o comércio atuava em horário estendido, a dona do estabelecimento, a Fátima, precisou mandar Tarsila embora. Ela não conseguiria manter uma funcionária que não pudesse atuar plenamente durante o período mais movimentado.

CAPÍTULO VII

*“somos todos os silêncios
de nossos gritos de dor
de nossos pedidos de ajuda
de nossos desejos subtraídos
calcificados em nossos úteros
em nossos seios
numa triste morte
registrada em estatísticas”
- Terezinha Marques.*

Um início de ano nunca havia sido tão difícil para Tarsila como fora o de 2020. Sem emprego, convivendo com o marido frequentemente dentro de casa, ela jamais esperaria que a situação pudesse ficar ainda pior. Junto à pandemia, situação que por si só já era desesperadora o suficiente, uma avalanche de notícias ruins e novos traumas acabou soterrando Tarsila.

Tudo começou quando a enteada dela resolveu sair de casa e partir para uma vida ao lado do namorado. A menina, que já havia se tornado uma mulher, estava cansada da rotina agressiva e das cobranças paternas. Seu salário, conquistado com dias de trabalho cansativo, precisava ser entregue na mão do homem que chamava de pai. Ainda, a madrasta que cuidara dela por boa parte da vida era proibida de sequer olhar para o namorado da garota e jamais podia dizer o nome do rapaz em voz alta.

– Esse é um nome maldito! – reforçava o pai e companheiro, como se o simples fato de dizer em voz alta a palavra fosse um pecado. Essa “heresia” tinha tudo a ver com o passado de Tarsila: seu ex-marido tinha o mesmo nome do rapaz.

No início do relacionamento, os abusos foram aumentando gradativamente até que palavras passaram a serem tapas. Na pandemia, os gritos de ordem e ameaças não eram exclusivos. Eles eram acompanhados de surras cada vez mais graves e violências sexuais.

Para Tarsila, a impressão era de que vivia sob a doutrina de um homem que entendia a si mesmo como um deus. O livro sagrado que regia esse dogma estava presente em um caderninho. Lá, mais de 300 palavras e expressões eram tidas como inomináveis. “Talvez”, “não vou te deixar”, “não sei”, “preto”, “não aguento mais”, “amigo”, “afeto”, “oportunidade”, “que dor” eram somente algumas delas.

Homens que não fossem o próprio companheiro deviam ser chamados de “vermes malditos vagabundos”. Homens negros ainda recebiam mais xingamentos: “vermes malditos vagabundos e demônios da senzala”. Ser racista não era um defeito do caráter de Tarsila, mas proferir as palavras de preconceito a livravam das dores de um castigo futuro nas mãos do próprio marido.

Os momentos de alívio para Tarsila estavam diretamente ligados à ausência do companheiro dentro de casa. Ele conseguira um emprego e, por conta desse novo trabalho, acabava se ausentando. Era só quando isso acontecia que Tarsila conseguia se desprender do medo aterrorizante que a assolava. Mas essa sensação nunca durava muito tempo.

Todos os dias da semana, três vezes diárias e com duração de cerca de duas horas, Tarsila era compelida a sessões desgastantes e degradantes de sexo. O prazer era para o companheiro, para ela restava a dor, o medo, a violação acompanhadas de sarcasmo.

– Você é doente por sexo, é por isso que nunca me nega! – uma versão da história que não representava a realidade de Tarsila. Negar algum avanço do marido era pedir por novas surras e humilhações. Na realidade vivida naquele momento, ir embora não era uma opção para ela.

– Eu sentia medo, muito medo. Um pânico muito grande. Não conhecia ninguém, não sabia a quem pedir ajuda, tinha medo de que, se fugisse, ele me encontraria. Quando pensei em ir embora, só queria me esconder, não queria denunciá-lo.



O dia a dia no ano de 2020 se tornava mais difícil a cada nova semana. Com o vírus da Covid-19 ainda muito desconhecido, o sofrimento de muita gente foi intensificado. Mas, dentro da casa em que Tarsila morava, nem mesmo o coronavírus penetrou as grossas paredes que prendiam a mulher em uma rotina agressiva e inescapável.

Experiente no mundo das artes marciais, o companheiro sabia exatamente como, onde e quando atacar. Sua principal preocupação era não apresentar marcas no próprio corpo, assim evitava questionamentos e ainda mantinha sua aparência, tão estimada, imaculada.

As sessões de espancamentos – que aconteciam diariamente por quaisquer motivos que ele julgasse convenientes - começavam com uma toalha. Ela era molhada e enrolada na mão do homem, como uma espécie de luva. E com movimentos calmos e precisos ele desferia socos no rosto de Tarsila. Na tentativa de se defender, a mulher se encolhia contra os poucos objetos da casa e, por reflexo, ela colocava suas mãos na face, já colorida de tons de preto, roxo, verde e amarelo.

– Não coloque essa mão na cara! Ou vai avançar em mim agora?!

– Eu tô só me protegendo. – implorava Tarsila, tomada por medo e pânico.

Mas essas tentativas de se esquivar dos rompan-tes do marido acabavam sendo inúteis. Ele sempre conseguia o que queria. Ao fim dessas surras, Tarsila ficava quase irreconhecível: seus olhos ficavam tão inchados que chegavam a fechar e sua boca apresentava tantos cortes que não era possível identificar de qual deles vinha a maior quantidade de sangue.

Nenhum vizinho ou passante nunca ouviu ou testemunhou qualquer agressão, mesmo que a casa estivesse localizada em uma avenida de bastante movimento. Tudo que acontecia dentro da residência de muros altos, por trás dos tecidos e blackouts que cobriam as janelas, ficava somente entre os dois.

As únicas testemunhas desses crimes eram os homens on-line em plataformas de sexo virtual. Para alimentar o desejo sexual que sentia, o companheiro obrigava Tarsila a participar de bate-papos explicitamente pornográficos. Em frente à câmera do computador, ela tinha que ficar nua e se mostrar para homens desconhecidos. Enquanto tudo acontecia, o marido observava ao lado e até mesmo castigava a

mulher, mostrando ao vivo a realidade do casamento para quem estivesse do outro lado.

A situação que era cuidadosamente escondida no mundo real, ganhava destaque em espaços sombrios do mundo virtual. A dor de Tarsila era transformada em entretenimento para o marido e outros tantos homens que se compraziam de seu desespero e humilhação.

E ainda que dezenas de pessoas pudessem testemunhar ao vivo parte dos horrores que ela vivia, nenhuma ajuda veio. E nada foi suficiente para evitar o que ainda viria a seguir.

CAPÍTULO VIII

*“ser mulher é
ser punida
(sem ter feito nada de errado)”
- Barbara Rosa.*

– Tire a roupa, vire esse lixo aí do banheiro no chão e deite em cima. Só vai sair quando eu mandar até você entender que é um lixo, e que lugar de lixo é no lixo! – comandou o companheiro.

Tarsila já tinha encarado seis meses de cárcere privado e horrores sem fim. Para o marido, contudo, nada parecia o suficiente. Com castigos cada vez mais pesados, o homem passou a chantageá-la para conseguir o que queria.

– Se você não fizer isso que eu tô mandando, eu vou ser obrigado a te bater – a escolha lexical do companheiro, de que ele *teria* que aplicar o castigo, era comum. Uma forma de anular a culpa sobre as próprias decisões.

Sempre que essas condições eram apontadas, Tarsila tinha o *dever* de escrever as regras que ele criava em um papel, numa espécie de contrato, assinar e colar nas paredes da casa, como um lembrete do que poderia acontecer se não as cumprisse. Em cada um deles, estavam as limitações absurdas im-

postas – não podia dizer centenas de palavras, não podia tratar homens e negros com cordialidade –, e os castigos advindos das possíveis violações de Tarsila. O que não havia nunca, entretanto, eram castigos para ele pela violação constante a que submetia a própria esposa.

E os cartazes não paravam por aí. Mais presentes que qualquer outro móvel na casa, as folhas pregadas nas paredes também continham muitas declarações de amor ao marido e elogios ao homem que só merecia improperios. Palavras de amor que vêm do coração e da alma têm muita força. No caso de Tarsila, as palavras lhe eram forçadas sobre a alma, despedaçando-lhe o coração e o amor que já não tinha mais nem sobre si mesma. Ela era a vítima. Fazia o que fora ensinada. Na escola da violência doméstica, aprendeu apenas a sobreviver, um “privilégio” que só lhe era concedido por meio da submissão absoluta aos desejos do homem.

Há muita força em conseguir sobreviver a tantos abusos. A resignar-se ao impensável para ver nascer mais um dia, a recusar-se a sucumbir definitivamente. E talvez tenha sido por isso que, em mais um ato contra a dignidade da esposa, tal qual Dalila fez com Sansão, o homem decidiu que ela precisava perder também os cabelos. Ele, que não permita que a mulher

fosse vista em público sem grampos no cabelo, resolveu que pra nada lhe servia os curtos fios da esposa.

– Vou raspar a sua cabeça, deixar bem lisinha. Todo mundo vai pensar que você tem câncer e pode ser até bom – disse em tom de escárnio.

A ameaça não demorou a ser concretizada. Além de tirar totalmente os cabelos de Tarsila, ele ainda finalizou a raspagem passando uma lâmina de barbear. A partir daí, nos poucos momentos em que a mulher saía de casa, sempre acompanhada do marido, precisava dizer que estava em tratamento contra o câncer e usar um lenço na cabeça. E, em hipótese alguma, ela podia olhar para as pessoas, era necessário permanecer de cabeça baixa, o que lhe rendia torcicolos e dores no pescoço.

O que o mundo não sabia, e talvez não quisesse saber, era que a doença não estava enraizada dentro dela, mas caminhava ao seu lado, sugando-lhe um pouco mais de vida a cada minuto enquanto lhe segurava a mão de forma supostamente carinhosa.



A violência não deu trégua em momento algum. Ao contrário, ele a intensificou tanto que a casa foi sendo tingida, aos poucos, de vermelho escarlate. O sangue de Tarsila marcava paredes, o chão e os móveis.

O ponto de partida do homem foram os cortes com a faca quente.

– Você vai fazer 100 cortes com faca quente no teu rosto. Bem fundo – assim como as chantagens, os castigos aplicados pelo companheiro passaram a ser, em sua maioria, aplicados pela própria mulher, a autoflagelação buscava isentá-lo da responsabilidade pelo show de horrores que comandava.

Não contente com as marcas que já deixava em Tarsila, o companheiro começou a combinar as torturas. Obrigá-la a cortar o próprio rosto e raspar a cabeça não o satisfaziam mais.

Na primeira vez em que ocorreu, Tarsila tinha sido encarregada de ir à lotérica pagar algumas contas - parte das poucas saídas autorizadas da casa eram para realizar pequenos serviços para a comodidade do homem. Ao retornar para o carro, onde estava o marido, ela foi confrontada por um *erro* que teria cometido.

– Por que você não disse nada ali para aquele negrinho? Não vi você batendo nele e nem xingando!

– Eu não ia fazer nada disso ali com ele.

– Então, só por essa sua desobediência, você vai ter que fazer 100 cortes com faca quente e costurar a sua boca! – vociferou.

Os cortes profundos no rosto eram feitos com uma faca de cozinha, esquentada nas chamas do fogão de casa. Já na costura da boca, a mulher precisava passar a agulha com a linha usada em pontos de tecido, deixando os lábios juntos. Extremamente dolorosas, Tarsila ainda precisava cumprir as *tarefas* em um tempo determinado pelo companheiro.

Progressivamente, como se aquilo se tratasse de um experimento, o companheiro ia aumentando as repetições dos castigos e reelaborava as formas de tortura. De 100, número inicial dos cortes com faca quente, Tarsila alcançou os 2 mil de uma única vez. As costuras por si só não eram horríveis o bastante e, por isso, ela teve que começar a colocar agulhas na língua antes de fechar a boca com a linha.

– A dor de atravessar a própria língua com uma agulha já era terrível demais. Mas ele não parou por aí, primeiro foi uma, aí duas, três, quatro, cinco. E sabe qual a sensação de furar a própria língua assim? Imagine um pedaço de carne, um músculo, com muitos nervos. Agora tente pensar como seria atravessar

agulhas nessa carne. A sensação é muito parecida, tirando o fato de que eu estava viva enquanto passava por aquilo – em lágrimas, Tarsila descreve esses momentos de completo terror aos quais fora submetida. Ouvi-la narrar as cenas de tortura era como estar vendo um filme. Tudo era tão cruel que não parecia ser possível que um dia fora a realidade de alguém. E, no entanto, havia sido.

Frequentemente condenada pelo marido, Tarsila deu tantos pontos na boca que não conseguia enumerá-los. E nada impediu que ele continuasse, nem mesmo o fim dos carretéis de linha. Sem essa opção, a mulher chegou a ter que descosturar roupas para castigar-se com as linhas desfiadas das peças, e ainda não fora suficiente. Quando percebeu a falta do material, o homem ordenou que a costura fosse feita, dali em diante, com linha de pesca.

Tarsila não podia sequer abrir a boca, sua voz fora silenciada. Só tinha seus pensamentos, direitos e liberdade sufocados no movimento automatizado da agulha que, tal qual um molinete, ela mesma era obrigada a manejar, costurando a própria boca dia após dia, ponto após ponto. As repetições fizeram memórias: na linha e em Tarsila. Mas, ao contrário dos peixes que logo se vão, ela permaneceu.



Permaneceram também as torturas. Falas consideradas inapropriadas, suspiros que o irritavam, palavras inomináveis proferidas. Qualquer ato de Tarsila era motivo para um castigo, até que se tornaram chances de mutilá-la.

– Você vai me dar um pedaço da tua língua. Vai lá e vai cortar, porque senão eu não vou te absolver!
– como um juiz ou um ser superior, ele se considerava no poder de condenar ou perdoar Tarsila, o marido exigia seu silenciamento absoluto.

– Você tem cinco minutos para tirar esse pedaço. Tô nem aí se você não vai aguentar – disse entregando a faca para Tarsila, depois de medir quanto da língua era deveria cortar.

O corte na língua não só deixou Tarsila mutilada para sempre, mas também fez com que o músculo nunca se recuperasse da sensação, como uma síndrome do membro fantasma¹. E muito além das consequências a longo prazo, ela ainda enfrentou cerca de 10 horas de hemorragia - a dor que o espírito não podia expressar em palavras, o corpo decidiu verter em sangue rubro.

– Quem mandou falar aquela palavra, agora tá desse jeito! Vê se dá um jeito de estancar esse sangue,

¹ Síndrome do membro fantasma é a percepção de como se ainda existisse um membro que foi perdido por amputações acidentais ou intencionais.

porque eu não vou te levar ao médico. Eu não posso fazer isso, senão vão ver sua cara nesse estado e sua língua assim e vão perguntar o que houve, e como que eu vou explicar?! – questionava à Tarsila.

A dor não era o único motivo dos choros de Tarsila. Ao se ver no espelho, sempre machucada, as lágrimas escorriam tamanha era a tristeza que a arrebatava. Conscientemente, ela tinha certeza que estava morrendo. O companheiro mesmo repetia com frequência que ele a mataria, enterraria no fundo do quintal e ninguém sentiria falta dela. Mesmo que doesse, Tarsila já acreditava nessas palavras.

Depois de cortar a língua, o marido livrou-a dos castigos por algum tempo. A *trégua* durou pouco. Da goiabeira no fundo do jardim, o homem criou mais uma punição.

– Pega uma goiabinha, das bem verdes ainda, coloca dentro de uma meia e começa a bater no seu olho até ele fechar.

Quando a dor se tornava insuportável, Tarsila pedia se já podia parar e a resposta era sempre não.



O desespero foi criando raízes tão profundas, que Tarsila percebeu que não queria morrer.

– Meu Deus... Eu preciso fazer alguma coisa, senão eu vou morrer aqui. Eu não aguento mais sofrer, não posso mais viver assim. E não vou morrer aqui, parada, se for pra eu morrer, que seja tentando!

Mas, antes que pudesse reagir, as torturas e mutilações voltaram. Já familiarizada com os furos na língua, Tarsila nunca pensou que pudesse experimentar ainda mais dor. Quando as agulhas se tornaram banais demais, os pregos entraram em cena. Cinco pregos enfiados na língua já mutilada.

E como olhos e língua não fossem suficientes, o homem exigiu novas mutilações. Dessa vez, ele queria os lóbulos das orelhas dela.

– A hora que eu chegar em casa, eu quero os lóbulos das suas orelhas num prato pra mim, senão você vai ter que cortar a orelha inteira – ameaçou.

Sabendo que não conseguiria evitar, Tarsila deixou os curativos todos prontos durante a tarde como forma de se preparar para o que faria. Em uma das orelhas, contudo, Tarsila cortou uma veia junto do lóbulo. Teve sua maior hemorragia e quase morreu no processo.

Os pedaços de tecido usados como bandagens

não foram suficientes para estancar o sangue, que chegou a encharcar um lençol e uma toalha. Durante cinco horas, ela se esvaiu em sangue e dor. Sozinha em casa, Tarsila chegou a perder a consciência e, com a chegada do marido, ela ainda foi pressionada por uma melhora milagrosa.

– Pelo amor de Deus, pare de sangrar. Se você conseguir, eu prometo que nunca mais encosto em você. Fica bem, por favor, senão eu vou preso – disse a Tarsila. O desespero que ele mostrava na voz era pelo receio de ser descoberto, não por qualquer arrependimento quanto a seus atos ou preocupação genuína com a esposa.

A recuperação levou meses. Tarsila não teve qualquer atendimento especializado. E a violência não diminuiu. Os machucados se abriam novamente a cada surra que ela levava. Diante da vida que vinha tendo, Tarsila concluiu que precisava fugir. E uma semana antes de efetivamente conseguir, ela realmente achou que tinha recebido a chance perfeita para isso.

– Ou você vai embora, ou você fura seus dois olhos e corta sua língua.

– Eu não quero ficar cega, então eu vou embora.

Sem acreditar que Tarsila fosse capaz, o companheiro deixou que ela tentasse. A mulher foi até

o quarto, pegou sua carteira, onde guardava seus documentos e o cartãozinho com o nome e número de Ana de Paula. Ela seguiu para fora da casa, abriu o portão e seguiu para a rua. Mesmo caminhando a passos apressados, o marido a alcançou e interferiu.

– Vamos voltar para casa? Ficar numa boa? – disse o homem.

Consumida pelo medo, Tarsila acabou voltando. E foi castigada novamente.

Uma semana depois, o homem a confrontou, acreditando que ela tinha mexido nos pertences dele. Uma explosão de raiva do marido acompanhada de uma ameaça foi o que deu início ao fim que ela tanto esperava.

– Você vai fazer dois mil cortes com faca quente, furar os seus dois olhos e vai cortar mais um pedaço da tua língua – exigiu o homem.

Ajoelhada, com as mãos em sinal de perdão, Tarsila implorou por uma absolvição que nunca recebeu. Mais tarde, já determinada a fugir, ela mentiu ao companheiro quando questionada sobre os cortes.

– Já fez os cortes com a faca quente?

– Fiz um pouco, mas não tô aguentando mais, tá doendo muito – na verdade, os machucados que

Tarsila afirmou ter feito naquele dia eram marcas antigas, fruto de outras torturas.

– Não me interessa, vai lá e faz o que eu mandei.

À noite, Tarsila, que deveria estar cumprindo com os castigos, verificou se o marido ainda dormia e foi até os fundos da casa. Ela tentou pular o muro, mas era muito mais alto do que ela imaginava. Assustada com os latidos dos cachorros por conta do barulho, ela voltou para dentro de casa, sem os calçados para não acordar o homem, pegou a chave do portão e foi em direção à sua liberdade.

Tarsila abriu o portão, deixou a chave dentro do terreno e começou a correr em meio às árvores. Ela só olhou para trás para verificar se não estava sendo seguida, mas nunca cogitou voltar.

Tarsila correu por 20 minutos, descalça, numa cidade desconhecida. Naquela noite fria de junho de 2021, Tarsila correu por sua vida.

PARTE III

SOROR

Escrita pela jornalista Ellen Picussa

CAPÍTULO IX

*“Como a lua e como o sol no céu,
Com a certeza da onda no mar,
Como a esperança emergindo na desgraça,
Assim eu vou me levantar.”*
- Maya Angelou

Cláudia foi acordada por seu filho logo cedo na manhã do dia 24 de junho de 2021. Naquela noite, a insônia a manteve acordada até às seis da manhã, quando ela tirou um breve cochilo para ser despertada logo em seguida pela voz alarmada do garoto, que foi chamá-la em seu quarto.

— Mãe, acorda! Tem uma mulher vítima de violência precisando de você.

As palavras do filho a fizeram pular da cama.

— Eu preciso ir até ela! — exclamou, saindo de baixo das cobertas imediatamente. Ela não sabia, mas a partir desse momento sua vida passaria por uma enorme transformação.

A cientista social entrou no carro como estava: com os cabelos bagunçados e vestindo um conjunto de moletom; e foi para a casa de Ana de Paula, onde, segundo as informações que havia recebido, a vítima de violência doméstica havia sido acolhida.

No caminho, Cláudia tentou imaginar o que havia

acontecido com a mulher e como havia escapado. Não sabia exatamente com o que iria se deparar ao chegar, mas esperava que fosse capaz de ajudar.

Cláudia, de 36 anos, militava no movimento feminista desde os 16 anos, quando se filiou a um partido político com o objetivo de amplificar sua luta, tanto no feminismo quanto pelos direitos da comunidade LGBTQIA+, da qual faz parte. Entretanto, no partido não encontrou o espaço esperado para lutar essas batalhas, o que a motivou a buscar outras formas de atuar.

Cientista social e artista plástica, ela participou de inúmeros movimentos estudantis. Uma de suas ações mais impactantes foi o Projeto Despetalada, nascido em 2017, onde, por meio de obras de arte, expôs a violência contra a mulher.

O projeto teve destaque em Toledo, cidade do interior paranaense, e na região próxima, impactando diversas mulheres – inclusive Tarsila, que se deparou com o projeto no período em que trabalhava na loja de sapatos, quando algumas cópias das obras de Cláudia foram distribuídas no estabelecimento, a fim de convidar mulheres para a exposição.

Dessa forma, quando obteve a ajuda de Ana de Paula, Tarsila imediatamente recordou-se das obras

de arte de Despetalada, pois havia enxergado sua realidade nos traços da artista. E esse era o objetivo de Cláudia com a exposição artística: incentivar as mulheres a lutarem por suas vidas, denunciarem a violência e, principalmente, buscarem ajuda.

Foi pensando nessa busca por ajuda que Cláudia foi além em sua luta e co-fundou a Associação Tenda Mariellas, em 2018.

O termo associação define um grupo de pessoas unidas por um interesse comum. No caso da Tenda Mariellas, formada por um pequeno grupo de mulheres, o objetivo era promover eventos, onde todas as mulheres eram bem-vindas, para debater temas diversos sobre a realidade feminina na sociedade, contar suas histórias e aprender juntas, por meio de exposições e rodas de conversa, num ambiente simples e acolhedor.

Em 2020, no entanto, tudo mudou. A chegada da pandemia da Covid-19 ao Brasil paralisou as atividades da Tenda Mariellas. O projeto ficou em *stand-by* e, durante esse período, algumas divergências entre Cláudia e a outra fundadora da iniciativa a levaram a se afastar das atividades.

Enquanto o mundo estava parado, aguardando o momento em que seria possível voltar ao “normal”,

os índices de violência contra a mulher cresceram. Afinal, quanto mais fácil de esconder, mais a violência se faz presente.

Entre maio de 2020 e 2021, uma em cada quatro mulheres a partir dos dezesseis anos sofreu algum tipo de violência ou agressão, conforme dados de uma pesquisa do Instituto Datafolha, encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública².

Como no caso de Tarsila, a renda de 61,8% das mulheres que sofreram violência no período diminuiu, e 46,7% dessas mulheres perderam o emprego. Apesar do aumento da violência, o número de denúncias registradas diminuiu. Daí a importância de existirem redes de apoio para essas mulheres.

E foi pensando na necessidade das redes de apoio que Cláudia chegou à casa de Ana de Paula, por volta das sete e meia da manhã, sendo recebida pela dona da residência, que a chamou para a sala de estar.

A casa era simples – a moradia de uma trabalhadora assalariada –, com cômodos organizados e limpos. Apenas a cozinha tinha alguma louça fora do lugar, pois Tarsila havia se alimentado.

A sala de estar, composta por três sofás, ficou

² Disponível em: <<https://dssbr.ensp.fiocruz.br/visivel-e-invisivel%E2%80%8B-a-vitimizacao-de-mulheres-no-brasil/>>.

cheia com a presença de Ana, Tarsila, Fátima – que também estava ali – e Cláudia.

As mulheres sentaram-se juntas, buscando transmitir apoio e conforto a Tarsila, pois sabiam que os relatos que viriam não seriam fáceis – de ouvir ou contar. Cláudia, sentada ao lado de Tarsila, a observou com atenção, contando os ferimentos que exigiriam cuidados imediatos.

O rosto coberto de cortes e cicatrizes contava uma história de violência e desespero, mas os olhos de Tarsila... Seus olhos contavam uma história de desesperança. E foi olhando para aquela jovem mulher ferida e acuada que Cláudia soube que teria que ser uma fortaleza: impenetrável e forte. — O que aconteceu? — perguntou, com suavidade, mas firme, demonstrando que estava ali para Tarsila. Cláudia entrou no que chama de “modo solução de problemas”, no qual assumia uma postura inabalável - sabendo que, caso se deixasse abater pela história de Tarsila, não seria capaz de olhar a situação pela perspectiva mais adequada –, buscando formas para auxiliá-la.

Tarsila, corajosamente, contou sua história, que levou Ana de Paula e Fátima às lágrimas. Cláudia, firme, não chorou nem desviou o olhar da mulher que depositava sua confiança nela. Sentiu que devia a ela a consideração de mostrar como poderiam passar juntas

pelo que quer que acontecesse a seguir.

Tarsila não sabia, mas enquanto relatava tudo pelo que havia passado – as diversas torturas, humilhações, violações e agressões, os momentos em que chegou perto de desistir, de morrer –, Cláudia tomava uma decisão. Quando a primeira terminou seu relato, a segunda endireitou a coluna no sofá.

— Me fala o que você quer fazer a partir de agora — questionou.

— Eu preciso fugir — pediu Tarsila, angustiada. — Preciso ir embora dessa cidade e encontrar um lugar para viver onde ele não consiga me encontrar.

Cláudia respirou fundo. Ela sabia quão comum eram os casos em que as mulheres preferiam fugir a fazer a denúncia e enfrentar a situação sozinhas, principalmente porque grande parte dessas mulheres não sabe exatamente como buscar ajuda após sair de situações como aquela. Sem contar os casos em que as mulheres procuram ajuda e a justiça, o sistema todo falha com elas.

Ela não queria que Tarsila fosse um desses casos. Queria ajudar aquela mulher a recuperar a si mesma, sua felicidade e paz. Queria que Tarsila pudesse sair para trabalhar sem ficar amedrontada o tempo todo; que ela sorrisse ao contemplar algo de que gostasse;

que encontrasse amores de verdade, em novos amigos, lugares e experiências. Queria que Tarsila fosse capaz de viver, não apenas sobreviver.

— Tarsila, veja... — começou, com calma. — Nós vamos respeitar a sua decisão, não importa qual seja ela. Queremos que você fique bem. Se você não quiser denunciar, não vamos denunciar. Se você quiser fugir, nós damos um jeito de te levar embora e achamos um lugar para você ficar. Mas existem outras formas de agir no seu caso. A denúncia pode te ajudar muito, porque fica mais fácil te proteger com o amparo da lei, entende? Porque, assim, conseguimos acessar outras formas de te proteger, e se ele for preso você fica mais segura.

— Mas eu tenho medo — disse Tarsila. — Não sei o que pode acontecer depois. E se ele não for preso e me achar?

Cláudia segurou a mão de Tarsila e olhou em seus olhos, apesar de sempre, em toda a sua vida, ter passado pela dificuldade de manter contato visual.

— Se você optar pela denúncia, eu prometo que não saio do seu lado até essa história acabar.

Tarsila assentiu.

— Então vamos lá — decidiu, apertando a mão de Cláudia, o que se tornou um gesto muito comum entre as duas mulheres.

CAPÍTULO X

*“O pássaro engaiolado canta
com um trilo temeroso
do que desconhece
e no entanto anseia
e seu som é ouvido
no monte distante
pois o pássaro na gaiola
canta da liberdade.”
- Maya Angelou*

Depois de decidirem fazer a denúncia, era hora de ir até a delegacia. Tarsila, extremamente preocupada com a possibilidade de seu agressor estar percorrendo a cidade à sua procura, passou os poucos minutos do trajeto de carro deitada no colo de Cláudia, no banco de trás, enquanto Fátima dirigia o veículo.

Chegaram poucos minutos antes de a delegacia abrir, e Tarsila, agarrada ao pulso de Cláudia, seu porto seguro, não pôde deixar de se expressar:

— Você está sendo minha mãe.

Aproximando-se da entrada da delegacia, as mulheres perguntaram se poderiam entrar, mesmo faltando cinco minutos para a abertura do órgão, explicando que Tarsila estava com medo de seu agressor. A polícia, porém, não permitiu sua entrada.

Depois dos cinco minutos, Tarsila, Fátima e Cláudia entraram na delegacia. Uma policial tentou levar Tarsila sozinha para dar seu depoimento, mas ela congelou no lugar, olhando para Cláudia em busca de ajuda.

— Quem que vai fazer o depoimento? — indagou a policial.

— Ela — respondeu Cláudia, apontando para Tarsila. — Ela é a vítima.

— Então vem só ela — pediu a policial.

Ao perceber a hesitação de Tarsila, Cláudia intercedeu.

— Tarsila, você quer que eu entre com você? — perguntou.

Tarsila assentiu, com os olhos assombrados.

— Então eu vou.

A policial, não muito satisfeita, se preparou para preencher o Boletim de Ocorrência e indicou que Tarsila contasse o ocorrido. Após contar poucas partes da história, Tarsila foi interrompida pela policial.

— Você pode resumir? Não vai caber tudo no B.O.

Tarsila optou, então, por contar alguns dos pontos principais de tudo o que havia passado, e o B.O foi finalizado abruptamente.

Tarsila acabou seu relato às nove da manhã, e ainda aparentava estar bastante confusa e insegura. Dessa forma, Cláudia tomou a dianteira.

— Qual o próximo passo? — perguntou para a policial.

A mulher ergueu os olhos para as duas cidadãs, parecendo querer estar em qualquer outro lugar do mundo exceto ali.

— Vamos enviar para o judiciário e ver se conseguimos uma medida protetiva ou algo assim — respondeu.

Cláudia, não satisfeita com a resposta desinteressada, insistiu.

— Nossa! Mas até quanto tempo depois pode ser feita a prisão em flagrante? — indagou.

A policial suspirou.

— Vou ver com a delegada — informou, saindo da sala.

Depois de alguns minutos a policial retornou, pedindo o endereço da residência e do trabalho do agressor para efetuar a prisão em flagrante.

O agressor de Tarsila foi preso, então, às 11 horas da manhã, no local em que trabalhava.

Sem receber interesse ou orientações da polícia,

Cláudia e Tarsila foram para a casa onde Tarsila vivera com o atroz marido a fim de buscar as coisas da vítima.

No centro da cidade se erguiam os muros que foram, por muito tempo, a prisão que manteve Tarsila numa realidade desumana.

Fátima foi junto, dirigindo, mas não saiu do veículo. Ao estacionarem na frente do imóvel, Cláudia observou o local atentamente.

Por fora, a casa era tão comum que ninguém sequer suspeitaria de todos os horrores que aconteciam ali dentro. Entretanto, os tecidos presos às laterais da casa, tapando a visão para o quintal, às janelas, impedindo a visão do interior da casa, e na garagem, mostravam os sinais de alguém que tentava desesperadamente esconder o que acontecia dentro de casa.

A imagem com a qual se deparou ao entrar na casa certamente criou raízes na mente de Cláudia.

Apesar das diversas facas queimadas na pia, dos respingos de sangue, da falta de móveis, das cortinas e janelas fechadas e dos outros instrumentos que, ela sabia, eram usados para tortura, foram as paredes que chamaram sua atenção.

Completamente cobertas por manuscritos, as paredes contavam a história das diferentes faces que

o agressor criou para Tarsila: a que escrevia cartas de amor para o homem que lhe trazia dor e mentiras; a que assinava contratos prometendo jamais mentir para seu marido, sob pena de perder pedaços das orelhas, da língua, ou furar os olhos; a que se debruçava sobre folhas e mais folhas de caderno e afirmava que era uma pessoa ruim, que não merecia viver ou ser feliz. As paredes contavam uma história que ele a obrigou a escrever.

A casa também era repleta de câmeras, e foi diante delas que Cláudia pegou uma caixa e começou a arrancar os papéis das paredes, guardando-os como provas dos horrores que se passaram na casa. Foi diante das mesmas câmeras que ela encontrou o computador da casa, a caderneta, onde estavam escritas todas as palavras que Tarsila jamais deveria falar, e o celular de seu agressor.

No aparelho, diversas imagens de Tarsila ferida e segurando os tais contratos que ele a fazia assinar, não deixavam dúvidas a respeito de nenhum ponto da história que a mulher havia contado três vezes até aquele momento.

Cláudia guardou todas essas evidências e, junto com Tarsila, saiu da casa, ouvindo-a dizer adeus para uma vida que já não lhe pertencia.



Cláudia levou Tarsila para a própria casa, sem nem mesmo pensar nos eventuais riscos que poderia correr. Simplesmente arrumou um quarto para que a mulher tivesse onde ficar, e ali Tarsila passou os quatro próximos meses, interagindo com a família de Cláudia e compreendendo novas formas de ser ela mesma.

Firme à promessa de ajudar Tarsila, Cláudia levou as provas que colheu na residência para a delegacia, visto que nenhum representante da força policial fora deslocado até a casa. Foi atendida do lado de fora.

— Eu trouxe provas da residência da vítima e do agressor — informou, estendendo o aparelho celular, a caderneta e algumas das cartas e contratos da parede.

Uma policial se aproximou para verificar o que Cláudia dizia, mas sua postura foi a mesma dos demais policiais que haviam cuidado do caso até então.

— Tem certeza que essa mulher não é doida? — indagou, franzindo a testa.

Cláudia precisou respirar fundo antes de responder. Já estava acostumada a lidar com os homens duvidando das mulheres, mas ver uma mulher duvidando de outra, mesmo diante de tantas evidências, era algo que doía.

— Tenho, e trouxe provas de que ela fala a verdade. Não tenho dúvidas de que ela fala a verdade, porque ela não se contradisse em nada. Eu teria percebido se ela tivesse mentido, mas tudo o que ela disse é muito real.

Cláudia mostrou, pacientemente, o caderno de palavras proibidas, as cartas e contratos que havia coletado, e a policial pegou alguns, indicando que aquilo era o bastante.

— Eu também trouxe o celular do agressor, que estava na casa.

— Por que você está com o celular? Isso é apropriação indébita — disse a policial, bruscamente.

— Eu trouxe até aqui. Se vocês não quiserem ficar com essa prova, vou levar para o advogado.

— Pode levar.

Não era a primeira vez que Cláudia se deparava com uma atitude degradante para com as mulheres por parte da polícia. Em 2007, quando foi denunciar

uma situação de violência doméstica que havia sofrido, um policial a convenceu a não o fazer, enumerando motivos sobre porque a denúncia não era a melhor forma de agir perante uma situação de violência. Na época, Cláudia deixou de registrar a ocorrência.

Seguindo as instruções da policial, Cláudia entregou, então, esses objetos para o primeiro advogado a cuidar do caso, que fez o *backup* dos dados do celular.

No dia seguinte, a delegacia entrou em contato com Cláudia, pedindo que levasse o celular como evidência.

Sua terceira visita à delegacia foi diferente. As policiais já não a encaravam com desconfiança, e logo vieram se justificar.

— Obrigada por trazer o material. É que... Recebemos muitos casos de mulheres que usam a lei a seu favor para se vingar do marido ou companheiro, entende?

A contragosto, Cláudia assentiu, lembrando a si mesma que precisava de toda a ajuda que conseguisse.

— Claro, eu entendo — respondeu, reprimindo seus pensamentos críticos. — É o trabalho de vocês. Vocês precisam investigar mesmo.

Ela sabia que mudar aquela policial não faria a menor diferença quando a luta deve ser contra o sistema.

Outra policial se inseriu na conversa.

— Quase acreditei nele quando estava colhendo o depoimento. Ele é muito persuasivo — contou, em tom de confiança. — Só percebi que havia algo errado porque já fui vítima de violência. Foi o olhar dele que me fez perceber, sabe? Então investiguei mais, cheguei até a filha dele e obtive a confirmação da violência.

CAPÍTULO XI

*“todo dia
socorre a outra
e dá o abrigo
que a vida
implora amparo.”
- Mara Magadã*

Os atendimentos médicos precisaram ter início imediatamente após o acolhimento de Tarsila. Ela não tinha condições de passar meses nas filas do Sistema Único de Saúde (SUS) aguardando por exames e consultas, já que, além dos danos físicos, Tarsila precisava cuidar também dos danos psicológicos.

Cláudia sempre teve uma visão muito clara de que era um dever do Estado fornecer assistência para as mulheres vítimas de violência, mas também sabia que o Estado não faria por Tarsila o que o Coletivo estava fazendo: acolher e amparar.

Assim, os primeiros atendimentos de Tarsila foram feitos por meio da rede particular, com Cláudia segurando sua mão em todos os momentos. Esses atendimentos foram com um médico, que constatou que não havia ferimentos internos, um psiquiatra e uma psicóloga.

Nas primeiras sessões com a psicóloga, Tarsila insistiu que Cláudia entrasse no consultório e se-

gurasse sua mão. Na terceira sessão, Tarsila puxou Cláudia pela mão como nas outras vezes.

Poucos minutos depois que o atendimento havia iniciado, Cláudia levantou.

— Meninas, com licença. Preciso usar o banheiro — inventou, apenas para sair do consultório e esperar Tarsila do lado de fora.

A exaustão se tornou rotina. Cláudia passava os dias em função de responder à imprensa, marcar entrevistas — uma vez que o caso veio à tona e a mídia buscava informações a respeito —, levar Tarsila para suas consultas e organizar a rotina das duas. Durante a noite, Cláudia ficava acordada no quarto de Tarsila, de guarda, cuidando para que nada ocorresse com a mulher que já havia se tornando uma amiga.

Nesse período, muitas pessoas próximas de Cláudia sugeriram que ela se afastasse emocionalmente do caso, que mantivesse uma distância pessoal. Ela, porém, não enxergava os limites que os outros pareciam ver tão claramente. Não conseguia compreender como parecia tão simples para outras pessoas amparar alguém sem permitir que essa pessoa entrasse em sua vida.

Em meio ao caso de Tarsila, Cláudia percebeu que, independentemente da situação, nunca hesita-

ria em se colocar em risco para apoiar uma mulher vítima de violência.

Apesar de tudo, Cláudia só se permitiu chorar uma vez, no dia do exame do Instituto Médico Legal (IML).

Cláudia e Tarsila chegaram ao IML com as mãos dadas, como de costume, e foram recebidas por uma mulher simpática na recepção.

Não demorou muito para que o médico responsável pelo exame de Tarsila a chamasse para o consultório. Quando Cláudia se levantou junto, ele a deteve com o olhar.

— Sinto muito. Ela precisa vir sozinha.

Cláudia observou Tarsila caminhar pelo corredor entre a recepção e congelar na metade do caminho, virando para encontrar o olhar de Cláudia.

Ela controlou sua respiração.

— Tarsila, fica tranquila. Entra lá, conta tudo o que aconteceu com você e responde tudo o que ele perguntar, ok? Vai ficar tudo bem, e quando você sair eu vou estar aqui te esperando, tá bem? — disse, com a voz embargada.

Tarsila se virou, então, e entrou na sala do médico. Assim que a porta foi fechada, Cláudia desabou.

Chorou por Tarsila, por tudo o que a jovem mulher havia passado, pela forma como se esforçava para se reerguer após tanto sofrimento e, acima de tudo, chorou pela coragem de Tarsila por continuar lutando e nunca desistir.

A moça da recepção lhe lançou olhares estranhos, o que a lembrou de se recompor antes que Tarsila saísse. A mulher já pedia desculpas com uma frequência desnecessária, então Cláudia não queria que ela se sentisse culpada.

Foi Eduardo Galeano quem escreveu que “Vale a pena morrer por tudo isso que, sem existir, não vale a pena viver”, e de repente, essa frase adquiriu um significado totalmente novo para ela.



Enquanto Tarsila se adaptava a uma nova rotina, Cláudia percebeu a necessidade de proteger, além de Tarsila, a si mesma.

Com dúvidas a respeito do que fazer, buscou conselhos de um amigo que militava em prol de causas sindicais há muitos anos.

— Você deveria reacender a chama da Tenda Mariellas e falar por meio dela. Dessa forma não

será apenas a Cláudia falando, mas a Cláudia representante da Tenda Mariellas — indicou ele.

Com o objetivo de ajudar Tarsila, Cláudia concordou em atuar por meio da organização, o que levou à sua reconciliação com a outra fundadora do Tenda Mariellas. Dessa forma, não estaria sozinha em uma luta tão grande como a de Tarsila, o que traria proteção para as duas e amparo para o caso.

O envolvimento da Tenda Mariellas se tornou fundamental para a atuação de Cláudia que, como porta-voz do caso, se sentiu mais segura sendo parte da organização.

Além disso, as decisões da Tenda com relação à Tarsila sempre partiram das escolhas da mulher, dentro de suas necessidades. Cláudia apresentava as opções e Tarsila tomava a decisão final, o que contribuiu para o estabelecimento do elo de confiança entre as participantes da Tenda Mariellas e sua primeira acolhida.

CAPÍTULO XII

*“Sou forte, sou escudo...
Luto pela igualdade
Desde a criação deste mundo!
Sou trovoada, não mudo,
Sou raça, fibra, coragem,
Carrego na saia, charme, identidade!”
- Annecy Venâncio*

Em meio a tudo isso, Tarsila precisava de uma moradia, de suporte financeiro e de oportunidades para seguir sua vida sem depender de boas ações da sociedade o tempo todo.

Partindo da premissa de que, como Tarsila não tinha mais ninguém além das mulheres da Tenda, manter o caso em evidência poderia ajudar a protegê-la, Cláudia conseguiu marcar uma reunião com o prefeito da cidade, a fim de discutir o caso.

Essa ponte entre a Tenda Mariellas e a Prefeitura Municipal de Toledo foi feita pelo mesmo amigo que incentivou Cláudia a reacender o grupo de mulheres. Ele, que já tinha uma reunião marcada com o prefeito por outros motivos, aproveitou a deixa para informar o representante da cidade.

— Houve um caso muito grave de violência contra a mulher aqui na cidade, e você precisa ajudar a resolver essa situação. É um caso muito complicado,

que demanda atenção e suporte do poder público.

Partiram para a prefeitura, então, duas mulheres da Tenda Mariellas e duas advogadas do Coletivo Juntas, de Curitiba, capital do estado, que se envolveram com o caso para fornecer apoio jurídico.

Durante a reunião, as mulheres relataram a situação para o prefeito, que se comprometeu a dar todo o apoio necessário para Tarsila.

— Precisamos de um auxílio para a Tarsila se manter por, pelo menos, um ano, um local adequado, seguro e digno para ela morar, todos os atendimentos médicos possíveis de forma prioritária e mais sigilosa possível, para que ela não precise ficar no meio de diversos desconhecidos aguardando atendimento — exigiram, e o prefeito atendeu aos pedidos para Tarsila.

Além disso, as mulheres fizeram exigências para as vítimas de violência em geral.

— Nós temos um caso e queremos que ela seja bem atendida, mas o que a prefeitura vai fazer para que casos assim não aconteçam mais aqui no município? Precisamos de políticas públicas de atendimento, de um melhor acolhimento nas delegacias, e redobrar os esforços para nossa cidade ter um abrigo para mulheres vítimas de violência, uma casa de pas-

sagem, um centro de referência para mulheres, com atendimentos de saúde e psicológicos — cobraram.

O prefeito se mostrou entusiasmado em colaborar, mas Cláudia sabia que tudo isso não aconteceria num futuro próximo. O importante era colocar essas ideias em discussão.

O abrigo para mulheres entrou em pauta por meio de um projeto da Associação das Primeiras Damas dos Municípios do Oeste do Paraná (ADAMOP), mas o projeto ainda não chegou à fase final.

Não é novidade que o bem-estar e a dignidade da mulher não são prioridades para a sociedade. Afinal, num mundo governado majoritariamente por homens brancos, héteros e conservadores, a mulher continua em segundo plano, lutando sozinha e – raramente – com o apoio de outras mulheres.

Um fato que exemplifica isso é que, entre 2021 e 2022, o número de atendimentos de mulheres vítimas de violência aumentou 384% só em Toledo. Os números assustam, mas não assustam mais que a extinção da Secretaria da Mulher, ocorrida em 2021.

A Secretaria foi substituída por uma mais abrangente, que iniciou as atividades em janeiro de 2022, chamada de Secretaria Municipal de Políticas para Infância, Juventude, Mulher, Família e Desenvolvi-

mento Humano. Ou seja, a mulher, que mal era uma prioridade, agora precisa lutar para ter sua voz ouvida em meio aos gritos de crianças, jovens e famílias inteiras, sem ter um espaço só para si.

— Isso é o quanto a sociedade valoriza e respeita as mulheres — aponta Cláudia.



Após a reunião com o prefeito, a Tenda Mariellas decidiu abrir as portas para a imprensa.

Depois de uma semana e meia mantendo as informações em sigilo, decidiram começar a fornecer entrevistas para os veículos de comunicação da região.

Usando a Tenda Mariellas como rede de apoio e escudo, as mulheres foram capazes de fornecer informações corretas sobre o caso, colaborando para que as pessoas soubessem do caso sem sensacionalismo. O objetivo da Tenda Mariellas era contar o que, de fato, Tarsila sofreu, gerar reflexões sociais acerca da falta de políticas públicas para mulheres vítimas de violência e alertar a população para essa forma de violência, pois Tarsila não representava um caso isolado, mas uma situação que, infelizmente, é muito comum.

Como representante de um grupo de pessoas lutando por uma causa comum, e já sendo considerada referência na militância feminista por conta do Projeto Despetalada, Cláudia percebeu que a história de Tarsila foi se tornando cada vez mais abrangente, e de repente já havia chegado a diversos outros estados do Brasil.

As entrevistas se tornaram mais comuns e, em alguns casos, motivo de momentos angustiantes para Tarsila.

— Houve veículos que combinaram algumas coisas com Tarsila e conosco, como a preservação de sua imagem e de alguns aspectos da história que não faziam Tarsila se sentir bem no momento, e não cumpriram isso, não cumpriam o horário marcado, não nos orientaram sobre o processo. Tarsila se sentiu muito desrespeitada em alguns momentos.

Tarsila queria que sua entrevista incentivasse outras mulheres a denunciar a violência que sofriam e a buscar ajuda, porque há pessoas querendo ajudar.

Após alguns meses, foram feitas diversas entrevistas com o objetivo de mostrar como Tarsila estava depois de passar por toda aquela situação e como sua vida estava se desenvolvendo.

A mulher se mostrou receptiva a essas entrevis-

tas, esboçando os primeiros indícios de um sorriso que se tornaria cada vez mais frequente conforme ela se recuperava.

Tarsila sabia como a sociedade percebe as vítimas de violência normalmente: como pessoas dignas de pena, que dificilmente se recuperarão a ponto de terem uma vida normal.

Foi pensando nisso e na importância de mostrar, principalmente a outras mulheres, que elas podem e devem lutar por si mesmas, para recuperar seus sonhos e suas vidas, tomando as rédeas de sua própria história, que Tarsila concordou em retornar à mídia sempre que requisitada.

Ela tinha a percepção clara de que os alertas às mulheres a respeito da violência nunca serão demais, pois a violência, tristemente, está em todos os lugares.



Em meio ao início das entrevistas, novas divergências entre Cláudia e a outra fundadora da Tenda Mariellas causaram a divisão do grupo de mulheres.

Como forma de evitar conflitos de interesse e continuar auxiliando Tarsila, as duas co-funda-

doras da Tenda optaram por dividir a iniciativa em duas: a Tenda Mariellas, com sede em Cascavel, cidade vizinha, e o Coletivo Mariellas, com sede em Toledo, comandado por Cláudia.

Entende-se por coletivo um grupo de pessoas unidas por um problema ou interesse, geralmente atuando com fins sociais ou políticos, de forma colaborativa e informal; ou seja, não há registro em cartório ou criação de identidade jurídica.

Além disso, essa forma de organização adota uma horizontalidade: todas as pessoas integrantes tomam as decisões em conjunto.

Um coletivo se diferencia das Organizações Não Governamentais (ONGs) por dois principais fatores: as ONGs exigem registro legal e recebem apoio financeiro de associados, empresas privadas e, por vezes, da iniciativa pública.

Pensando nisso, Cláudia percebeu que, naquele momento, um coletivo era a decisão ideal para dar o amparo que Tarsila precisava e proteger, além da vítima, as mulheres que a estavam ajudando. Foi o início do Coletivo Mariellas.

CAPÍTULO XIII

*“Porque somos mulheres
nem o vento se atreve
a fazer nós
em nossos cabelos soltos
entre os raios da tarde.
Mas ai de nós, mulheres,
poetas vivas e inspiradas,
quando migram as areias grossas,
das praias frias, abandonadas”
- Cissa de Oliveira*

A sociedade participou ativamente da mudança de vida de Tarsila. O Coletivo pediu por doações para ela, e as pessoas contribuíram.

O novo apartamento de Tarsila foi alugado com o auxílio aluguel do município, no valor de R\$600,00. Assim, foi necessário encontrar um local seguro, adequado e com aluguel barato – cortesia do proprietário do imóvel, que baixou o preço –, para que Tarsila pudesse viver sozinha.

Sua nova casa foi mobiliada inteiramente com doações. Um grupo de voluntários de Tupãssi, um pequeno município próximo, se solidarizou com a história dela e mobilizou o comércio local, enchendo um caminhão de mudança com praticamente tudo o que Tarsila precisava e trazendo para Toledo – móveis, talheres, louças, lâmpadas,

bijuterias, maquiagem, objetos para instalação dos móveis etc.

Seus armários e geladeiras ficaram repletos de alimentos doados por um longo tempo, e ela conseguiu uma reserva financeira advinda, também, da boa vontade de muitas pessoas que jamais a conheceram. A única coisa que Tarsila comprou foram cortinas e uma máquina de lavar roupa.

Quando se mudou para seu próprio apartamento, Tarsila precisou, novamente, enfrentar grandes mudanças.

Sua transição de residência foi gradativa. No início, Tarsila ficava em sua nova casa durante o dia e ia para a casa de Cláudia passar a noite. Depois, com menos frequência, ia passar a noite na casa de Cláudia quando ocorria algo que a deixava nervosa ou tensa.

E assim Tarsila foi, cada vez mais, caminhando sozinha, e Cláudia não pôde deixar de perceber que seu coração parecia mais completo, e sua vida com mais propósito. Afinal, ela acompanhou os primeiros passos que Tarsila deu sozinha, os primeiros sorrisos hesitantes sem que a mulher se sentisse culpada por isso, a primeira fálscia no olhar vinda da esperança de viver novamente.

— Mesmo um ano após o ocorrido, continuo indo

às consultas médicas com Tarsila. Os médicos a tratam muito melhor quando estou junto, porque sou algo próximo de uma figura de autoridade que eles sabem que cobrará um atendimento de qualidade e não tenho receio algum em apontar erros ou injustiças — explica Cláudia.

Tarsila também mantém uma pequena poupança para o caso de precisar fugir. Apesar de seu agressor estar preso, ela sabe que as possibilidades de ele ir atrás dela de alguma forma não são nulas, e por isso se mantém preparada.

Conforme indicado pelo Anuário Brasileiro de Segurança Pública¹, divulgado em 2022, 81,7% dos feminicídios ocorridos em 2021 foram cometidos por companheiros ou ex-companheiros das vítimas.

O mais importante é que, por conta do apoio do Coletivo, que mantém contato com ela todos os dias, Tarsila sabe que não está mais desamparada.



O Coletivo também atuou no papel jurídico, no caso de Tarsila. Junto com a segunda advogada do caso, acompanharam a mulher em todas as etapas do

¹ Disponível em: < <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/06/anuario-2022.pdf?v=5> >

processo.

O depoimento de Tarsila durou sete horas, e o depoimento de Cláudia durou duas.

Em meio a perguntas incisivas e ambíguas, e com o futuro de Tarsila dependendo daquele momento, Cláudia se deu conta da grande responsabilidade que estava em suas mãos – talvez a maior, desde o dia em que começou a ajudar Tarsila.

Mesmo nervosas, as duas mulheres não titubearam, responderam com segurança a todas as perguntas. A história precisava ser contada para que a justiça pudesse ser feita.

Depois disso, restou a Cláudia, a Tarsila e ao Coletivo aguardar o final do processo, que desde o início corre em segredo de justiça.

CAPÍTULO XIV

*“Todas as mães, todas as filhas
Todos os cálices, todas as sangrias
Todas as santas, todas as vadias
Miragens, visagens, olhares
Contradições multifacetadas
Entre assassinatos e bofetadas
Nas igrejas, nas revistas, nos bares
Exposta na suja vitrine
Não há roupa ou maquiagem que combine
Personagem viva do seu próprio caminho
Loteria da Babilônia, amor em um cassino
Sorte, consorte, decerto
Oásis sem água no deserto.”
- Eloá Carvalho Pires*

A história de Tarsila impactou Cláudia e motivou o nascimento do Coletivo Mariellas de formas que, provavelmente, um livro reportagem não é capaz de explicar inteiramente. Tarsila escancarou a necessidade de militância, luta e transformação.

Tarsila representou a necessidade da sororidade, do amparo e das redes de apoio. Sua história, por tanto tempo silenciada, agora reverbera nas ações do Coletivo Mariellas, entrelaçada à história da entidade, das mulheres que a compõem, de Cláudia e sua família.

Tarsila mostrou que as horas de estudo, as madrugadas que todas essas mulheres passaram acordadas, os dias correndo, exaustas, atrás de instrumentos

para lutar uma guerra que já dura séculos, converteram-se em mudanças.

Essas mulheres compreenderam que a força reside na união. É só quando uma não solta a mão da outra e a corrente se expande que o mundo finalmente parece enxergá-las, nos enxergar. E a mudança, enfim, se torna possível, apesar de o processo ser tão lento que, por vezes, parece nem estar acontecendo. Mas está.

O Coletivo Mariellas cumpriu cada uma das promessas que fez a Tarsila. Essas mulheres, que com coragem enfrentam o sistema, deixam suas vidas de lado para mudar outras, e é isso que as move.

Tarsila se tornou irmã de Cláudia. É assim que as duas enxergam sua relação de cumplicidade e amor desenvolvido. O Coletivo Mariellas é parte da nova família de Tarsila, e todas essas mulheres sabem que nada mudará isso. Foi a participação de Ana de Paula, Fátima, Cláudia e todas as mulheres do Coletivo que tornou possível a libertação de Tarsila.

Como disse uma das integrantes do coletivo:

- Tarsila era um sorriso aprisionado. Esse não é mais o caso.



— Eu costumo ser essa colagem de grandes pessoas que passaram pela minha vida. Às vezes vejo um pedacinho da Ana de Paula em mim, da Fátima, que é muito prática e extremamente solidária, e de todas as mulheres que ajudaram também. Um combo de mulheres que estavam ali apoiando outra mulher — diz Cláudia, com orgulho.

Depois do caso de Tarsila, o Coletivo Mariellas já atendeu outros dez casos de mulheres vítimas de violência. Nenhum deles foi tão grande ou tão abrangente quanto o de Tarsila, nem teve a mesma cobertura midiática, mas todos foram tratados com o mesmo cuidado e dedicação por parte das Mariellas, como se definem as integrantes do grupo.

O Coletivo segue trabalhando com cinco mulheres, e mantém os mesmos princípios de antes: conscientização, acolhimento e enfrentamento político, valores que as tornam referência no trabalho que fazem. Quando necessitam de um apoio maior, abrem as portas para a sociedade ajudar, assim como ocorreu no caso da Tarsila

A partir de 2022, o Coletivo Mariellas passou a debater a possibilidade de se reconfigurar e se registrar como uma Organização Não Governamental (ONG). Apesar disso, querem manter o caráter coletivo ao buscar transformação, tornando-se uma ONG.

— Essa reconfiguração é pensada por conta da necessidade de possuímos recursos financeiros para melhor ajudar as mulheres acolhidas pelo Coletivo, além de ampliar nossa atuação — explica Cláudia.

Uma conquista importante do Coletivo foi o apoio do Núcleo de Práticas Jurídicas de uma universidade do município, que dá apoio ao tratamento de questões jurídicas envolvendo as vítimas assistidas pelo grupo de mulheres.

Além disso, o Coletivo Mariellas busca mais apoios, como Núcleos de Psicologia e outras esferas que possam trazer algum suporte para as vítimas de violência doméstica.

Tarsila segue construindo uma nova vida a cada dia. O Coletivo Mariellas segue atuando em Toledo – e, eventualmente, em municípios vizinhos – promovendo amparo e discussões acerca da necessidade da criação de políticas públicas para mulheres.

Esse coletivo de mulheres sabe, como sabemos todas nós mulheres também, que seu trabalho ainda está muito longe de acabar.

Apenas em 2021, uma mulher foi vítima de feminicídio no Brasil a cada 7 horas.

O Brasil segue sendo o 5º país que mais mata mulheres.

*“Militar sem sentir não tem sentido”
- Cláudia Mallmann*

Sobre nós

Elas na República é um projeto de jornalismo multimídia desenvolvido por mulheres para contar a história de outras mulheres e sua resistência social e política em nossa sociedade patriarcal. O grupo responsável pelo projeto, que, além do livro-reportagem, se desdobra em podcasts e em um perfil noticioso no Instagram, é composto de cinco estudantes de jornalismo que têm em comum um objetivo: defender o feminino, discutir temáticas que lhe são relevantes, construindo um jornalismo engajado com a equidade de gêneros.

Visite nosso perfil no *Instagram*: @elasnarepublica